

A dispersão em arquivos literários: um estudo à luz do acervo da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977)

Dispersion in literary archives: a study based on writer Carolina Maria de Jesus' (1914-1977) archive

Bruna Pimentel Lopes

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: bpimentelopes@gmail.com

Maria Leandra Bizello

Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, campus de Marília, SP, Brasil.

E-mail: mleandra23@marilia.unesp.br

Georgete Medleg Rodrigues

Doutora em História pela Université Paris-Sorbonne, França; Professora do Curso de Graduação em Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: medleg.georgete@gmail.com

Resumo

Considerando o crescimento do interesse pela obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), assim como por seus manuscritos originais, este artigo tem como objetivo mostrar o trajeto percorrido pelo arquivo literário da escritora e analisar o fenômeno da dispersão em arquivos literários a partir de seu acervo, buscando apontar as possíveis razões que motivaram a fragmentação e a dispersão do arquivo, uma vez que os documentos produzidos pela escritora estão distribuídos em diferentes instituições localizadas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa e se utiliza a pesquisa documental. A partir da análise dos dados, constata-se que atuaram como agentes de fragmentação e dispersão do acervo os jornalistas Audálio Dantas e Clélia Pisa, além de Vera Eunice, filha da escritora, e que a dispersão e fragmentação do arquivo literário é mesmo anterior ao falecimento de Carolina Maria de Jesus. Ademais, concluiu-se que a atribuição de significado histórico, testamentário e literário ao arquivo da escritora está intrinsecamente relacionado à sua valorização.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; acervos de escritoras; arquivos literários; dispersão em arquivos.

Abstract

Considering the growing interest in Carolina Maria de Jesus' (1914-1977) work and her original manuscripts, this study aims to show the path taken by her literary archive and analyze the phenomenon of dispersion in them from her collection to point out possible reasons which motivated its fragmentation and dispersion since the documents the writer produced are distributed in different institutions in Minas Gerais, Rio de Janeiro, and São Paulo States. For this, we adopted a qualitative approach and documentary research. Data analysis showed that journalists Audálio Dantas and Clélia Pisa and the writer's daughter, Vera Eunice, acted as archival fragmentation and dispersion agents, and that these phenomena predate Carolina Maria de Jesus' death. We also found that attributing historical, testamentary, and literary significance to the Jesus' archive is intrinsically related to its valorization.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; writers' collections; literary archives; dispersion in archives.

1. Introdução

Em matéria veiculada em junho de 2018 pelo jornal *O Globo*, Torres (2018) afirma que o interesse pela obra de Carolina Maria de Jesus vem crescendo nos últimos anos, inclusive com a publicação de materiais inéditos da escritora. De acordo com o jornalista, paralelamente ao interesse por sua produção literária, aumenta também o desejo de pesquisadores de acessar os materiais que compõem o acervo da escritora.

De acordo com Ludemir (2021), alguns marcos apontam uma mudança de ares do mercado editorial brasileiro, como, por exemplo, os novos interesses da população, especialmente da classe média negra. O primeiro foi o sucesso de público e crítica do livro de memórias do ator Lázaro Ramos¹, e o segundo foi o depoimento da professora Diva Guimarães durante a Festa Literária de Paraty (Flip), em 2017², ano em que Djamila Ribeiro também lançava a obra *Lugar de fala*.

Embora todos esses movimentos estejam acontecendo, em relação à escritora Carolina Maria de Jesus, ainda há um longo caminho que precisa ser percorrido para que haja o verdadeiro reconhecimento da escritora. Para Fernanda Miranda, doutora em Letras, Carolina Maria de Jesus sofre, após mais de quarenta anos da sua morte, o apagamento que atinge sistematicamente a voz da mulher negra. Segundo a pesquisadora, Carolina Maria de Jesus tem seis ou sete romances escritos inéditos que, se fossem publicados, alterariam, em termos quantitativos, a condição minoritária de obras publicadas por mulheres negras no país (VASCONCELOS, 2020).

Para os estudiosos, ter acesso ao conjunto documental da escritora é uma tarefa árdua. A dificuldade de acesso ao conjunto do material está relacionada, sobretudo, ao fator geográfico, uma vez que os manuscritos estão distribuídos em várias instituições: Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, em Sacramento-MG, cidade natal de Carolina Maria de Jesus; Instituto Moreira Salles (IMS), no Rio de Janeiro; Biblioteca Nacional (BN), também na mesma cidade; Museu Afro Brasil (MAB), na cidade de

1 Trata-se do livro intitulado *Na minha pele*, publicado pela editora Companhia das Letras em 2017.

2 O discurso de Diva Guimarães abordou temas relacionados ao racismo. A base para a reflexão foi sua própria trajetória – desde a infância, no período escolar, até os dias atuais. A sua participação está disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5aS8bukb2o>. Acesso em: 12 set. 2021.

São Paulo; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin³, vinculada à Universidade de São Paulo (USP) (BARCELLOS, 2015; TORRES, 2018).

Embora todo o material preservado pelo Arquivo Público Municipal da cidade de Sacramento esteja digitalizado, os registros não estão disponíveis para o público, tornando necessária a presença dos pesquisadores na instituição para manusear o material físico, que já está bem degradado. Conforme relatado por Sérgio Barcellos, doutor em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), falta infraestrutura física e pessoal especializado no Arquivo (TORRES, 2018).

Portanto, atualmente, se um pesquisador que não reside em São Paulo, Rio de Janeiro ou Sacramento tiver interesse no acesso aos documentos originais do arquivo de Carolina Maria de Jesus, terá que percorrer ao menos três cidades distintas. Cabe ressaltar que o material digitalizado pelo Arquivo Público Municipal da cidade de Sacramento também está disponível em rolos de microfilme na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, na Biblioteca do Congresso, em Washington D.C., e no Acervo de Escritores Mineiros, do Centro de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte⁴ (BARCELLOS, 2015).

Além das questões relacionadas à localização do acervo, do ponto de vista arquivístico o fundo da escritora é um caso emblemático de dispersão de acervos, que fere um dos princípios fundamentais da Arquivologia – o da indivisibilidade ou integridade de um fundo.

A teoria arquivística percebe os documentos enquanto conjuntos, a partir de suas relações horizontais e verticais, que fazem deles um todo orgânico a ser preservado de modo completo, em sua totalidade. Porém, na prática, nem sempre os acervos chegam às instituições custodiadoras dessa forma (COSTA; LACERDA; HEYMANN, 2020).

Do ponto de vista institucional, Bellotto (2006) afirma que a dispersão dos fundos em arquivos ocorre quando, diferentemente do desaparecimento ou furto de documentos, “retiram-

3 Os materiais arquivados na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin não foram indexados e não constam no catálogo da instituição. De acordo com Barcellos (2015), “por declaração de José Carlos Sebe Bom Meihy, passado o trabalho de limpeza e cuidados técnicos com os 37 cadernos remanescentes em posse da família Jesus Lima, foram encontrados mais dois cadernos, doados a Robert M. Levine que os deixou a Meihy. Considerando a importância pública dos mesmos, este os doou à Coleção Mindlin” (BARCELLOS, 2015, p. 13).

4 Barcellos (2015) ressalta também as dificuldades em relação à pesquisa nos rolos de microfilme. É possível solicitar, por exemplo, uma cópia digital do material à Biblioteca Nacional. Caso se trate de material protegido pela Lei de Direitos Autorais, é necessária a autorização legal do representante do espólio, além de se ter de arcar com os custos da reprodução.

se séries de um fundo, fundos de um arquivo para compor séries e fundos de outro arquivo” (BELLOTTO, 2006, p. 167).

Como observamos, o arquivo de Carolina Maria de Jesus está disperso, o que certamente representa um obstáculo para pesquisas mais abrangentes sobre a escritora. Nesse sentido, este artigo parte de uma pesquisa de doutorado em Ciência da Informação, em andamento, e pretende analisar o fenômeno da dispersão em arquivos literários a partir do acervo da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), buscando, na medida do possível, apontar as possíveis razões que motivaram essa dispersão.

Do ponto de vista estrutural, o artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico, composto por sínteses da literatura sobre os arquivos literários, a dispersão de fundos arquivísticos, bem como a vida e obra de Carolina Maria de Jesus. Na sequência, é descrito o percurso metodológico que conduziu aos resultados do estudo. Em seguida, é realizada a discussão desses resultados e, por fim, encontram-se as considerações finais.

2. Os arquivos literários

De acordo com Gomes (2004), desde o final do século passado temos acompanhado um boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico no Brasil e no mundo. É cada vez maior o interesse dos leitores por certos gêneros escritos – diários, correspondências, biografias e autografias –, fenômeno que Dosse (2015) denomina “febre biográfica”, isto é, “uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre coletiva” (DOSSE, 2015, p. 16).

Numa perspectiva global, esse interesse é despertado a partir da revalorização do indivíduo na História, mais especificamente desde a década de 1970, quando houve a crise geral dos paradigmas históricos e o surgimento de uma nova história cultural, baseada na Escola dos Annales⁵. Naquele momento houve também um maior interesse em fontes informacionais de

5 “Movimento historiográfico que propôs uma nova conceituação da disciplina, assim como a busca daquilo que é essencial à história: a problematização, a partir de métodos e metodologias novas. Seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, propuseram a elaboração de uma história-problema, ou seja, uma história feita por meio de questionamentos, em que não fossem privilegiados apenas os fatos políticos e diplomáticos por meio da figura dos grandes homens e dos grandes heróis nacionais, mas também o estudo do homem comum em seu fazer cotidiano, sendo este também sujeito e objeto da história. Esse novo tipo de abordagem previa a relação com outras disciplinas

caráter privado e, conseqüentemente, se iniciou o recolhimento de fundos privados por arquivos e centros de documentação, considerando seu valor cultural, histórico, financeiro, estético e/ou informativo (HOBBS, 2016; GOMES, 1998; MACÊDO, 2020).

Para além do entendimento de que os arquivos pessoais correspondem aos arquivos de pessoas físicas (ARQUIVO NACIONAL, 2005), compreendemos esses acervos como o conjunto de registros relacionados à vida, à obra e às atividades de um indivíduo, isto é, aos documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por pessoas, como resultado das atividades e das funções sociais que desempenharam ao longo de sua vida (BELLOTTO, 2006; OLIVEIRA, 2012).

Buscando estreitar o conceito de arquivos pessoais para fins de organização arquivística e de pesquisa histórica, Bellotto (2006) define esses acervos como o conjunto de documentos resultantes da vida e obra de indivíduos cuja maneira de pensar, agir e viver possam ser de interesse para os estudos nas respectivas áreas em que atuaram – estadistas, políticos, cientistas, escritores, artistas etc. –, pessoas detentoras de informações inéditas que, se divulgadas para a comunidade científica e para a sociedade, poderão alavancar novos fatos para as ciências e para a arte, por exemplo.

No caso dos arquivos pessoais de escritores, Reinaldo Marques (2015) defende a ideia de que esses acervos se referem aos documentos que são produzidos segundo interesses e critérios particulares de seus titulares e, num primeiro momento, estão essencialmente localizados em âmbito privado. O arquivo literário, por outro lado, diz respeito aos arquivos de escritores que migram para centros de documentação, universidades, fundações, e tornam-se disponíveis para consulta e pesquisa.

Entendemos, assim como Oliveira (1992), que é necessário adotar uma definição que seja aplicável independentemente de onde o arquivo literário está armazenado ou custodiado. Portanto, concordamos com o pressuposto de que os arquivos literários correspondem a uma categoria dos arquivos pessoais e referem-se a um tipo de acervo documental, produzido a partir das atividades literárias, cívicas e culturais de determinada pessoa, assim como por sua respectiva obra manuscrita, ou equivalente, e pelos conjuntos de documentos que por essa pessoa foram recebidos – cartas, documentos biográficos, coleções etc. (OLIVEIRA, 1992).

sociais, além da ampliação da noção de fontes a história, em que tudo o que o homem produz, toca ou pensa é fonte histórica” (MACÊDO, 2020, p. 192).

O interesse científico e social por esses acervos reside no fato de que esses conjuntos documentais são constituídos por materiais diversos e podem ser utilizados para diferentes finalidades. Os rascunhos das obras, por exemplo, podem ser usados para mapear o desenvolvimento dos textos literários, desde a sua gênese até a sua publicação final; os cadernos pessoais, caso sejam datados, podem fornecer evidências cronológicas a respeito dessas atividades; cartas, jornais e diários podem também proporcionar ao pesquisador maior contexto sobre a escrita dos livros, assim como subsidiar o trabalho dos biógrafos; a biblioteca do escritor pode relevar também seus gostos e influências literárias (FITZPATRICK, 2012).

Fitzpatrick (2012) considera que muito do que foi escrito sobre a consulta e o uso de arquivos literários está relacionado aos possíveis problemas de utilização dessas fontes. De acordo com o autor, essas pesquisas tendem a alertar os usuários sobre uma série de questões que podem afetar o modo como eles interpretam os documentos.

Um desses aspectos é a inevitável incompletude dos arquivos literários pois, muitas vezes, os documentos que compõem esses acervos são perdidos, fragmentados ou destruídos, seja pelo próprio titular do arquivo ou por seus detentores, o que pode ocasionar interpretações equivocadas a respeito de sua vida e obra (FITZPATRICK, 2012).

Para Sutton (2014), as pessoas que trabalham com arquivos literários estão familiarizadas com as divisões e dispersões do acervo. Segundo o autor, para os arquivistas isso implica o uso de referências cruzadas para tratar os documentos. Para os pesquisadores, isso ocasiona a adoção de metodologias complexas de estudo e orçamentos para viagens, por exemplo, já que muitos arquivos são custodiados por instituições que estão longe das origens do escritor. Como exemplo desses casos temos o arquivo do alemão Franz Kafka (1883-1924), que está sendo mantido pela Universidade de Oxford, no Reino Unido, e os documentos do peruano Mario Vargas Llosa (1936-) e do grego Giórgos Seféris (1900-1971), que estão na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Em suma, a dispersão de acervos arquivísticos de escritores parece ser um fenômeno mundial e com muitos aspectos em comum. Nesse sentido, remetemos ao *mémoire* de Juliette Pinçon, defendido na Université de Lyon, que aborda o caso da França, especialmente na seção “Cadre institutionnel: un patrimoine dispersé” (PINÇON, 2017).

Talvez por essas dificuldades, Souza (2008), Vasconcellos (2010) e Marques (2015) acreditam que os arquivos literários ainda são pouco explorados, mesmo que seja possível

perceber uma procura maior, a partir da década de 1980, com a possibilidade de estudos no campo da crítica genética, da edição crítica, da textologia e da história cultural.

3. A dispersão de fundos arquivísticos

Um dos marcos da teoria arquivística pode ser observado a partir da metade do século XIX, quando, na França, foram publicadas as primeiras instruções aos arquivistas – a concepção de respeito aos fundos. De acordo com essa regra, os arquivos ou fundos de arquivos de uma mesma administração, instituição, pessoa física ou jurídica, devem ser mantidos de modo agrupado (DUCHEIN, 1986; RODRIGUES, 2006).

Conforme nos lembra Duchein (1986), o respeito aos fundos é considerado, desde aquela época, o princípio fundamental da Arquivologia. Ao contrário dos itens que compõem as coleções de bibliotecas e museus, os documentos de arquivo não têm razão de ser de modo isolado, isto é, sua existência só se justifica na medida em que estejam incluídos em determinado conjunto documental (DUCHEIN, 1986).

A ideia é reforçada por Schellenberg (2006), ao afirmar que o princípio ajuda a revelar o significado dos documentos, pois os assuntos desses materiais podem ser compreendidos apenas em contexto com os documentos correlatos. Segundo o autor, se os registros são arbitrariamente deslocados e reunidos de acordo com um sistema qualquer, o seu real significado como prova documental pode ser de difícil compreensão, ou até se perder (SCHELLENBERG, 2006).

Rousseau e Couture (1998) ressaltam que a aplicação do princípio de respeito aos fundos elimina qualquer possibilidade de dispersão dos documentos ativos ou semiativos, dispersão que pode levar à perda irremediável da informação contextual, que é resultado do pertencimento dos referidos documentos a um fundo de arquivo.

De acordo com Rodrigues (2006), o respeito aos fundos, editado nas instruções francesas, não foi devidamente compreendido na época em que foi criado. Posteriormente, os alemães definiram outros dois tipos de princípio que refletem o respeito aos fundos – o princípio de proveniência⁶, que costuma ser utilizado como sinônimo de respeito aos fundos, e o de

⁶ “Princípio segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa” (BELLOTTO; CAMARGO, 1996, p. 61).

manutenção da ordem original⁷, que atualmente foi definido como o princípio da integridade ou indivisibilidade.

Nesse sentido, o tema da dispersão de fundos arquivísticos está relacionado à quebra do princípio de indivisibilidade ou integridade dos arquivos, pois, segundo Bellotto (2006), “os fundos de arquivo devem ser preservados sem **dispersão**, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou adição indevida. Este princípio deriva do princípio da proveniência” (BELLOTTO, 2006, p. 88, grifo nosso).

Segundo o *Dicionário de terminologia arquivística*, a integridade arquivística é decorrente do princípio da proveniência e “consiste em resguardar um fundo de misturas com outros, de **parcelamentos** e de eliminações indiscriminadas” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 107, grifo nosso).

O *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, por sua vez, apresenta a seguinte definição para a integridade dos acervos: “os fundos (núcleos) de arquivos devem ser mantidos na ordem original, **sem desmembramento**, nem eliminação não autorizada e nem acréscimo de elementos estranhos ao núcleo original, a fim de conservar seu valor probatório informativo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 208, grifo nosso).

Os conceitos anteriormente expostos elucidam não só a importância de não misturar documentos de proveniências distintas, como também reforçam a compreensão de que os documentos de arquivo não devem ser separados de seu conjunto orgânico, isto é, do contexto que lhe dá sentido.

Como os dicionários de terminologia arquivística brasileiros analisados durante esta pesquisa⁸ não trazem uma definição para a dispersão de fundos, o estudo dos princípios arquivísticos, assim como a análise de termos relacionados ao tema, nos auxiliou no exercício reflexivo de delimitar nosso objetivo, que não está ligado à transferência de fundos arquivísticos

7 “A ordem original seria aquela em que os documentos de um mesmo produtor estão agrupados conforme o fluxo das ações que os produziram ou receberam. Se o documento é a corporificação de ações que ocorrem em um fluxo temporal, a ordem original, ou melhor, a ordem dos documentos em correspondência com o fluxo das ações torna-se indispensável para a compreensão dessas ações e, conseqüentemente, para a compreensão do significado do documento” (RODRIGUES, 2006, p. 106).

8 Os dicionários de terminologia arquivística de língua portuguesa consultados que não apresentam uma definição da área para “dispersão de fundos” são: *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística – Dibrate* (ARQUIVO NACIONAL, 2005); *Dicionário de terminologia arquivística* (BELLOTTO; CAMARGO, 1996); e *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

entre países e instituições, mas sim ao fracionamento dos conjuntos documentais (COSTA; LACERDA; HEYMANN, 2020).

Deste modo, com o termo “dispersão de fundos” estamos nos referindo à retirada de documentos de uma série, séries de um fundo, fundos de um arquivo para compor séries e fundos de outro arquivo. Trata-se de um fenômeno apoiado em políticas ou reorganizações arquivistas, baseadas em equívocos de ordem política, teórica, metodológica e/ou prática (BELLOTTO, 2006). Por outro lado, encontramos o uso do termo “dispersão” relacionado aos arquivos pessoais, especialmente os literários, em trabalhos em língua francesa e inglesa: “*dispersion*” (francês) e “*dispersal*” (inglês).

Costa, Lacerda e Heymann (2020) definem a dispersão de fundos nos casos em que determinados conjuntos documentais originais, produzidos e acumulados por determinadas instituições ou pessoas, são fracionados, e as partes são direcionadas para instituições de custódia distintas, podendo estas partes receber denominações variadas – coleção, acervo, fundo, arquivo – em cada uma das entidades nas quais foram recebidas.

No caso dos arquivos pessoais, Heymann (1997) afirma que a dispersão do acervo está relacionada, muitas vezes, a uma disputa entre os herdeiros, o que ocasiona o fracionamento dos fundos e a doação de parcelas para diferentes instituições.

Nesse sentido, Silva e Melo (2016) apresentam algumas das razões que culminam na dispersão dos arquivos pessoais, dentre as quais destacamos: a família doadora decide ofertar partes da documentação a diferentes instituições que, de alguma forma, tiveram relação com a vida e obra do titular do acervo; ao ser vendido, o conjunto documental é fracionado e dividido entre entidades distintas; o produtor do acervo nunca teve um controle total sobre a documentação que, em vida, esteve dispersa entre amigos e parentes.

Além dos casos mencionados, cabe destacar que a preocupação excessiva com os aspectos relacionados ao sigilo e à intimidade do titular motiva a entrega parcial dos documentos às entidades custodiadoras. Muitas vezes, os doadores fornecem apenas os registros que concernem à vida profissional do titular. Os documentos pessoais, por sua vez, não são encaminhados para as instituições, o que demanda um trabalho de conscientização dos detentores dos arquivos para que compreendam a importância da entrega da totalidade dos documentos (SANTOS, 2012).

Portanto, a dispersão dos arquivos pessoais pode significar tanto a expressão da trajetória do titular do acervo quanto um indicativo de um quadro mais amplo, relacionado às entidades custodiadoras, aos detentores dos arquivos e suas relações. Com o intuito de identificar e analisar as questões que promovem ou contribuem para o fenômeno da dispersão de documentos de arquivos literários, analisaremos o caso do fundo de Carolina Maria de Jesus.

4. A escritora: Carolina Maria de Jesus (1914-1977)⁹

Nascida em 1914, na cidade de Sacramento-MG, Carolina Maria de Jesus viveu a infância no interior de Minas Gerais, onde frequentou a escola até o segundo ano do primário (GONÇALVES, 2014). O curto tempo de vivência escolar foi suficiente para despertar o seu interesse pela leitura. Em um trecho do livro *Quarto de despejo*, ela afirmava que “é por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter” (JESUS, 2012, p. 195).

Em 1937, aos 23 anos, mudou-se para São Paulo, residiu nos cortiços do centro da cidade e trabalhou como empregada doméstica. Devido às reformas urbanas, em 1948 ela mudou-se para a favela do Canindé, às margens do rio Tietê, mesma época em que engravidou de seu primeiro filho, João José. Teve também mais dois filhos: em 1949, nasceu José Carlos e, em 1953, Vera Eunice (MONTEIRO, 2014; GABRIEL, 2019).

Naquela época passou a catar papel nas ruas da cidade. No lixo, encontrou os cadernos que se tornaram “seus diários”, nos quais relatava sua rotina, seus sofrimentos e sua vontade de se tornar escritora. Nos diários, os apontamentos oscilavam entre dor e alegria, norteados pela carência de condições para manter sua dignidade e a de seus filhos. Para Carolina Maria de Jesus, escrever sobre a vida na favela tornou-se uma forma de dar sentido à própria vida e de revelar a miserabilidade que circundava a modernização da década de 1950 (ITAÚ CULTURAL, 2021; GONÇALVES, 2014).

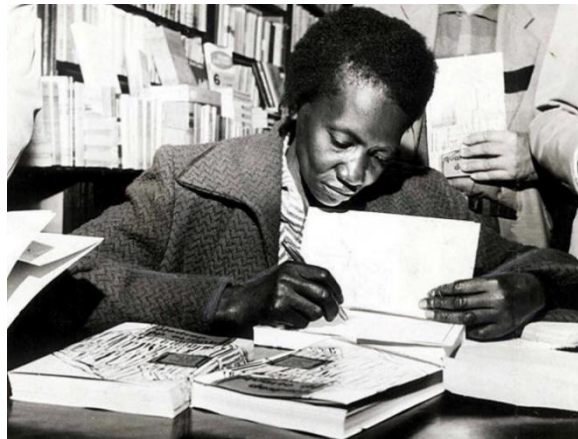
Em 1958, em virtude da inauguração de um parquinho público na favela, encontrou na porta de sua casa o jornalista Audálio Dantas, da *Folha da noite*, que realizava uma reportagem sobre a expansão das favelas nas margens do rio Tietê. O encontro causou uma reviravolta em sua vida, pois Audálio se interessou por seus 35 cadernos de anotação em forma de diário. Em

⁹ Para detalhes e informações biográficas da escritora, recomendamos a leitura de Castro e Machado (2007) e Farias (2019).

1960, o jornalista compilou e publicou o primeiro deles, o livro *Quarto de despejo* (ITAÚ CULTURAL, 2021; GABRIEL, 2019; GONÇALVES, 2014).

A publicação vendeu mais de dez mil exemplares na primeira semana, chegando a cem mil exemplares em seis meses. O título foi traduzido em treze línguas e comercializado em mais de quarenta países, dando enorme popularidade a Carolina Maria de Jesus – “a favelada escritora”, “a voz da favela” (GONÇALVES, 2014).

Figura 1 – Carolina Maria de Jesus em noite de autógrafos



Fonte: Instituto Moreira Salles (2021)¹⁰.

Entretanto, o sucesso editorial durou pouco e foi interrompido pelo Golpe Militar de 1964. A partir disso, Carolina Maria de Jesus saiu da favela, comprou uma casa de alvenaria, gastou todo o dinheiro que ganhou com as publicações e pensou em retornar para a vida de catadora de lixo. Ela conseguiu então vender a sua casa e comprar um sítio em Parelheiros (GONÇALVES, 2014).

Após a publicação do livro *Quarto de despejo*, ela lançou mais duas obras autobiográficas: *Casa de alvenaria*, relatando sua nova condição social, e *Diário de Bitita*, com recordações da infância em Minas Gerais. Carolina Maria de Jesus escreveu ainda romances, peças de radionovela, poemas e outras produções, falecendo em 1977, aos 62 anos de idade (GONÇALVES, 2014).

De acordo com Meihy (1998), “a autora de tanto sucesso no livro de estreia, depois deste, padeceu enormemente a dor do silêncio e, o que é pior, do esquecimento” (MEIHY, 1998, p. 88). Mulher, negra e representante legítima da cultura não erudita, Carolina Maria de Jesus

¹⁰ Acesse em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-aniversario-de-quarto-de-despejo-de-carolina-maria-de-jesus/>. Disponível em: 12 set. 2021.

contrastava as outras escritoras do cenário literário da época, como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector (MEIHY, 1998).

Questiona-se também o fato de que os próprios editores não se interessaram pela divulgação dos acervos da escritora que, há até pouco tempo, permaneciam esquecidos (MEIHY, 1998). Autores como Barcellos (2015) indicam que esse interesse aconteceu novamente a partir da década de 1990, mais especificamente quando os professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine¹¹ publicaram o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*.

5. Procedimentos metodológicos

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, adotando como método a pesquisa documental que, conforme Payne e Payne (2004), diz respeito às técnicas adotadas para categorizar, investigar, interpretar e identificar fontes mais comumente encontradas em documentos escritos, sejam públicos ou privados.

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos – realizados entre os meses de agosto e outubro de 2021 – consistiram no levantamento de informações a respeito da trajetória do arquivo literário de Carolina Maria de Jesus. Primeiramente, decidiu-se analisar os trabalhos desenvolvidos desde a década de 1990, considerando a institucionalização de parte do acervo pela Biblioteca Nacional e pelo Arquivo Público Municipal da cidade de Sacramento.

No que se refere à coleta de dados, refinamos a busca apenas por livros, artigos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que abordassem os aspectos relacionados à organização e à preservação do acervo e, especificamente, à formação e ao percurso dos documentos que compõem o arquivo literário de Carolina Maria de Jesus.

A partir desses critérios foram selecionados seis trabalhos de quatro autores, a saber: (a) Fernandez (2014, 2014b, 2016); (b) Barcelos (2015); (c) Torres (2018); e (d) Robledo (2020). Os resultados da análise desses documentos permitiram avaliar e evidenciar os aspectos relacionados ao histórico e à dispersão do arquivo de Carolina Maria de Jesus, bem como os

11 Em 1995, os mesmos autores lançaram *The life and death of Carolina Maria de Jesus*, nos Estados Unidos, e no ano seguinte organizaram o conjunto documental produzido por Carolina, publicando *Meu estranho diário e Antologia pessoal* (BARCELLOS, 2015).

possíveis motivos que culminaram na dispersão do conjunto documental, tal como será apresentado na seção a seguir.

6. Uma análise sobre o caso do arquivo literário de Carolina Maria de Jesus

Em relação ao destino do arquivo pessoal de Carolina Maria de Jesus, Robledo (2020) ressalta que o processo de ascensão e a volta à marginalidade¹² vividos pela escritora e, conseqüentemente, a falta de interesse na preservação de seu acervo à época de sua morte culminaram em esquecimento e despreocupação com o espólio literário.

O desinteresse perdurou até o momento em que os professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine produziram um trabalho de história oral sobre a vida da escritora, publicado em 1994 no Brasil, e no ano seguinte nos Estados Unidos (ROBLEDO, 2020).

Os pesquisadores tiveram acesso ao acervo de Carolina Maria de Jesus, até então preservado por sua filha, Vera Eunice, e realizaram o primeiro trabalho de organização do conjunto documental, que foi microfilmado, em 1996, a partir de uma parceria com a Biblioteca do Congresso, em Washington D.C. Desse modo, a instituição passou a preservar uma cópia dos microfilmes, sendo outra cópia conservada pela Biblioteca Nacional do Brasil (BN) (ROBLEDO, 2020).

Os materiais originais foram devolvidos a Vera Eunice que, em 1999, os doou ao Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, de Sacramento (ROBLEDO, 2020). De acordo com matéria veiculada pelo jornal *O Estado do Triângulo* em agosto de 2016, Vera Eunice afirmava desejar que a maior parte dos documentos de Carolina Maria de Jesus permanecessem em sua cidade natal. Segundo a herdeira, havia uma insistência para que o acervo fosse transferido para a Biblioteca Nacional ou para o Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, instituições que teriam maiores condições para a preservação da documentação (O ESTADO DO TRIÂNGULO, 2016).

Dois anos após a reportagem, em junho de 2018, Vera Eunice se mostrava preocupada com o estado de preservação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus que se encontravam no Arquivo Público de Sacramento. À época, ela relatou que a entidade não tinha mais

12 O termo “marginalidade” é empregado aqui no sentido de quem ocupa uma “posição marginal em relação a uma forma social”, “excluído de uma sociedade, de um grupo, da vida pública” (HOUAISS, 2009).

condições de cuidar da documentação, e que objetivava “colocar Carolina em um patamar alto na literatura” (TORRES, 2018).

Segundo Vera Eunice, estava sendo negociada a transferência do acervo para a BN que, por sua vez, planejava a criação do Fundo Carolina Maria de Jesus para reunir, até o final daquele ano, o espólio literário (TORRES, 2018). Entretanto, não localizamos informações que comprovassem que essa mudança foi realmente efetivada.

Em reportagem publicada na revista *Quatro cinco um*, Santos (2021) afirma que Vera Eunice já entrou com uma representação na Câmara Municipal de Sacramento solicitando a fiscalização do acervo, entretanto, nada foi feito. Além disso, de acordo com a matéria ela também fez uma denúncia ao Ministério Público sobre a situação precária, que foi acatada pelo promotor da cidade.

Reunimos no Quadro 1 a descrição do conteúdo e da estrutura do Fundo Carolina Maria de Jesus, conforme os dados localizados no site do Arquivo Público Municipal da cidade de Sacramento:

Quadro 1 – Fundo Carolina Maria de Jesus: Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik

Datas-limite	1958-1974
Itens	37 cadernos autógrafos contendo: diário, romances, contos, provérbios, poemas, quadras, textos curtos e narrativas autobiográficas; há documentos diversos, tais como: projeto de tese de doutorado, jornais e revistas, livros, entre outros.
Data de entrada	25 de janeiro de 1999
Forma de entrada	Doação
Origem	Vera Eunice de Jesus Lima

Fonte: Barcelos (2015, p. 67-68).

Outra parte importante dos documentos da escritora estava em poder de Audálio Dantas. Entre outros documentos, havia dois cadernos originais que serviram de base para publicações como *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, que foram doados pelo jornalista à BN em 2011 (ROBLEDO, 2020).

Em entrevista concedida à pesquisadora Rafaella Fernandez (2014), Audálio afirmou: “uma coisa eu tenho certeza é que se eu não tivesse guardado esses cadernos eles teriam sido perdidos. Isso não tenho dúvida nenhuma. No rolo que as coisas andam, eles estariam perdidos. Felizmente eles estão na Biblioteca Nacional” (FERNANDEZ, 2014, p. 310). Portanto, a Coleção Carolina Maria de Jesus custodiada pela BN tem as seguintes características:

Quadro 2 – Coleção Carolina Maria de Jesus: Biblioteca Nacional

Datas-limite	1958-1963
Itens	11 rolos de microfilme, 14 diários autógrafos e 22 fotografias.
Data de entrada	1996 e 2011
Forma de entrada	Doação
Origem	Vera Eunice de Jesus Lima (1996) e Audálio Dantas (2011)

Fonte: Barcellos (2015, p. 108).

Após diversas negociações, em 2006 o Instituto Moreira Salles recebeu da jornalista Clélia Pisa dois cadernos que Carolina Maria de Jesus havia deixado com ela e com a jornalista francesa Maryvonne Lapouge, na década de 1970, e que subsidiaram a elaboração da publicação *Journal de Bitita*¹³ (FERNANDEZ, 2014b, 2016).

A partir disso, o Instituto criou o Fundo Carolina Maria de Jesus:

Quadro 3 – Arquivo Carolina Maria de Jesus: Instituto Moreira Salles

Datas-limite	[196-]
Itens	2 cadernos
Data de entrada	2006
Forma de entrada	Doação
Origem	O acervo Carolina Maria de Jesus chegou ao Instituto Moreira Salles em 2006, entregue por Clélia Pisa. Inicialmente depositado na unidade de São Paulo, foi transferido, no primeiro semestre de 2009, para o prédio da Reserva Técnica Literária, no Rio de Janeiro, especialmente construído para a guarda de acervos.

Fonte: Barcellos (2015, p. 98).

Audálio Dantas também cedeu um dos cadernos de Carolina para o Museu Afro Brasil, localizado em São Paulo. Trata-se de um caderno sem numeração, nomeado “Diário 20”, que contém textos escritos de 10 de agosto de 1959 a 26 de outubro de 1959. O caderno foi emprestado ao Museu Afro Brasil em 2005, na época em que a biblioteca do Museu recebeu o nome de Carolina Maria de Jesus em homenagem à escritora (FERNANDEZ, 2016).

Embora Gonçalves (2014) e Robledo (2020) informem que o referido caderno foi doado à instituição, em entrevista à pesquisadora Raffaella Andréa Fernandez em 2014, Audálio Dantas afirmou que o item era de sua coleção particular, e que pretendia reaver o caderno (FERNANDEZ, 2014).

A Coleção Carolina Maria de Jesus do Museu Afro Brasil tem as seguintes características:

13 JESUS, Carolina Maria de. *Journal de Bitita*. Paris: A.M. Métailié, 1982.

Quadro 4 – Coleção Carolina Maria de Jesus: Museu Afro Brasil

Datas-limite	10/08/1959 a 26/10/1959
Itens	1 caderno autógrafo contendo entradas de diário.
Data de entrada	[2005]
Forma de entrada	Empréstimo
Origem	Coleção particular Audálio Dantas

Fonte: Fernandez (2014, 2016).

De acordo com Robledo (2020), especula-se que há mais cadernos – embora não muitos – de Carolina Maria de Jesus em coleções particulares. Além disso, em seu arquivo pessoal faltam materiais, como cartas enviadas e recebidas por ela, que provavelmente poderiam fornecer maiores pistas sobre a sua produção literária.

7. Considerações finais

Ao iniciar esta pesquisa não tínhamos a dimensão da trajetória do arquivo literário de Carolina Maria de Jesus. Assim, é preciso destacar que a atribuição de significado literário, histórico e testamentário ao arquivo da autora está intrinsecamente relacionado à sua valorização enquanto escritora.

Ao nos aprofundarmos no tema, percebemos que a dispersão do fundo está ligada também a essas circunstâncias. Uma das hipóteses para que isso tenha acontecido é que, apesar da fama na década de 1960, Carolina Maria de Jesus havia caído no esquecimento na época em que faleceu, possível razão pela qual o seu espólio literário também tenha permanecido desprezado há até pouco tempo.

Nesse sentido, cabe destacar também que a preservação sistemática de arquivos literários foi tardia no Brasil. A criação de instituições como o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), vinculado à Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), por exemplo, ocorreu somente em 1972.

Observamos igualmente que a dispersão do arquivo literário de Carolina Maria de Jesus é anterior ao seu falecimento, pois o próprio conjunto sempre esteve fragmentado entre parentes e amigos. Portanto, após o seu falecimento seria previsível a dispersão dos seus documentos entre várias instituições.

Nas palavras de Costa, Lacerda e Heymann (2020), podemos afirmar que três personagens principais agiram como agentes de dispersão do acervo: Audálio Dantas, Clélia

Pisa e Vera Eunice, esta última filha da escritora. Ainda de acordo com a expressão utilizada pelas autoras mencionadas, podemos dizer que houve uma “dispersão como estratégia”. Essa expressão aponta para as escolhas e decisões que recaem sobre o destino dos acervos e remetem aos relacionamentos que são constituídos e estabelecidos entre os doadores e as entidades custodiadoras de acervos documentais.

Além disso, não podemos deixar de mencionar que os arquivos literários se diferenciam dos demais acervos documentais pois, geralmente, têm valor financeiro maior que o de outros arquivos. No caso de Carolina Maria de Jesus, podemos observar que o destino e o uso do espólio literário ainda são motivo de disputas entre os herdeiros¹⁴ e detentores dos manuscritos da escritora¹⁵.

Em relação à parte do conjunto documental que está localizada no Arquivo Municipal da cidade de Sacramento, verifica-se a articulação de Vera Eunice, filha da escritora, para que os registros sejam depositados na BN a fim de que a escritora seja colocada em “outro patamar”. Curioso notar o capital simbólico, no sentido de Bourdieu, que reveste essa negociação, pois, conforme nos lembra Heymann (2012), instituições dessa natureza funcionam como um local privilegiado para a avaliação e atribuição de valor aos arquivos, já que são entidades que realizam a preservação de memórias reconhecidas como “históricas”.

14 De acordo com a reportagem veiculada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, as quatro netas de Carolina Maria de Jesus têm três processos na Justiça para reivindicar os direitos sobre o espólio da avó. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/04/netas-de-escritora-carolina-maria-de-jesus-dizem-viver-quarto-de-despejo-2.shtml>. Acesso em: 1º out. 2021.

15 Conforme mencionamos no tópico anterior, Audálio Dantas, por exemplo, ainda possui cadernos de Carolina Maria de Jesus que estão sob custódia do Museu Afro Brasil.

Referências

- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BARCELLOS, Sergio da Silva. **Vida por escrito**: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento: Bertolucci Editora, 2015.
- BELLOTTO, Heloisa. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BELLOTO, Heloisa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: AAB-Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Departamento de Museus e Arquivos, 1996.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
- COSTA, Mariana Tavares de Melo; LACERDA, Aline Lopes de; HEYMAN, Luciana Quillet. O fenômeno da dispersão em arquivos pessoais: um estudo do acervo Anthony Leeds. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 157-180, 2020.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.
- DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. **Arquivo & Administração**, v. 10-14, n. 2, 1986.
- FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- FERNANDEZ, Rafaella. Breve cartografia do espólio literário de Carolina Maria de Jesus. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 31, p. 10-26, 2016.
- FERNANDEZ, Raffaella. Entrevista com Audálio Dantas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 305-314, dez. 2014.
- FERNANDEZ, Raffaella. Entrevista com Clélia Pisa. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 297-304, 18 dez. 2014b.
- FITZPATRICK, David. **An exploration of the contents and uses of literary archives in the UK**. 2012. 88f. Dissertação (Mestrado em Administração de Arquivos) – Universidade Aberystwyth. Reino Unido, 2012.
- GABRIEL, Edgar Godoi. Uma existência atópica: vida e obra de Carolina Maria de Jesus. **RevLet**: Revista Virtual de Letras, Jataí, v. 11, n. 01, jan./jul., 2019.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida: Os diários de Carolina Maria De Jesus. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez. 2014.

HEYMANN, Luciana. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

HOBBS, Catherine. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. *In*: EASTWOOD, Terry. MACNEIL, Heather (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 303-341.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira: Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa253139/carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 12 set. 2021. Verbete da Enciclopédia.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2012.

LUDEMIR, Julio (org.). **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: FLUP, 2021.

MACÊDO, Patrícia Ladeira Penna. Arquivos pessoais e teoria arquivística. *In*: MARIZ, Anna Carla Almeida; RANGEL, Thayron Rodrigues (org.). **Arquivologia: temas centrais em uma abordagem introdutória**. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, n. 37, p. 82-91, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>. Acesso em: 30 set. 2021.

MONTEIRO, Karla. Escritora Carolina Maria de Jesus viveu do caos ao caos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2014. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20141120213029/http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1550499-escritora-carolina-maria-de-jesus-viveu-do-caos-ao-caos.shtml>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Antonio Braz. Arquivística literária haec subtilis ars inveniendi. **Cadernos BAD**, Portugal, v. 2, p. 107-121, 1992.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

O ESTADO DO TRIÂNGULO. **Vera Eunice, filha de Carolina, quer manuscritos da mãe em sua terra natal**. 12 ago. 2016. Disponível em:

<https://www.etrnews.com.br/noticias/cidade/2016/vera-eunice-filha-de-carolina-quer-manuscritos-da-mae-em-sua-terra-natal>. Acesso em: 03 out. 2021.

PAYNE, Geoff; PAYNE, Judy. **Key concepts in social research**, London: Sage Publications, 2004.

PINÇON, Juliette. **Les archives des écrivains, leur place en bibliothèque**. Lyon: Université de Lyon; ENSSIB, 2017. Disponível em <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/67311-les-archives-des-ecrivains-leur-place-en-bibliotheque.pdf>.

Acesso em: 02 set. 2022.

ROBLEDO, José Ignacio Monteagudo. Problemas na pesquisa sobre escrita popular: o espólio de Carolina Maria de Jesus. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: UERJ, 2020.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, nov. 2006.

ROSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. **Arquivos de cientistas**: gênese documental e procedimentos de organização. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2012.

SANTOS, Yasmin. A arte de Carolina. **Revista Quatro Cinco Um**, São Paulo, 01 ago. 2021. Disponível em: <https://www.quatrocinco.um.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/a-arte-de-carolina>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SCHELLENBERG, Theodore. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVA, Eliezer Pires da; MELO, Mariana Tavares de. A dispersão de fundos de arquivos pessoais. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 91-102, 2016.

SOUZA, Eneida Maria de. Uma biografia, um bem de arquivo. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 121-129, jun. 2008.

SUTTON, David. The destinies of literary manuscripts: past, present and future. **Archives and Manuscripts**, v. 42, n. 3, p. 295–300, 2014.

TORRES, Bolivar. Falta de estrutura do acervo de Carolina de Jesus preocupa pesquisadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/falta-de-estrutura-do-acervo-de-carolina-de-jesus-preocupa-pesquisadores-22764393>. Acesso em: 12 set. 2021.

VASCONCELOS, Caê. Carolina Maria de Jesus, a escritora que ainda precisa ser conhecida e reconhecida. **Ponte**, São Paulo, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-ainda-precisa-ser-conhecida-e-reconhecida/>. Acesso em: 12 set. 2021.

VASCONCELLOS, Eliane. Manuscritos literários e pesquisa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, mar. 2010.

Artigo submetido em: 21 jan. 2022

Artigo aceito em: 20 out. 2022